

2

Dos Arcontes

Derrida, em sua obra *Mal de arquivo* (1995, p.11), refere-se a dois conceitos que tomarei emprestado nesta dissertação. Tais conceitos são expressos pelas palavras *arkhê* e *arconte*.

A *arkhê* ele atribui dupla possibilidade de significação: tanto pode indicar o lugar de origem, do começo, como também o lugar do comando, o princípio nomológico, ali onde se exerce a autoridade. Já a palavra *arconte* vem a designar aquele que exerce a autoridade, o agente, aquele que comanda. Ambos os conceitos provêm da mesma origem etimológica da palavra *arquivo*, razão pela qual foram escolhidos enquanto um dos fundamentos para este trabalho.

O objeto desta dissertação são as falas gravadas de Stela do Patrocínio – interna em instituições psiquiátricas públicas por mais de trinta anos. Meu desejo é pensar estas falas como uma experiência poética que expressa uma estética da vida, uma imagem potente de pensamento, ou antes uma série de imagens do pensamento, que vêm a configurar o pensamento-artista, pensamento como processo de subjetivação, que inventa um modo de existência. As falas de Stela, gravadas em fitas que compõem, ao lado de algumas poucas imagens cinematográficas e fotográficas, o *arkhê* – arquivo primário e fonte documental – circunscrevem uma vida em permanente estado de impossibilidade, uma experiência limite, vivida permanentemente nos estados extremos do possível. Suas frases transitam entre a desrazão e a loucura, na dobra, campo de modalidades intensivas.

A partir das recolhas feitas pelas artistas plásticas Carla Guagliardi e Neli Gutmacher (quando, por meio de um gravador, ambas registraram as falas que hoje possuímos de Stela do Patrocínio) foram pinçadas frases pronunciadas por Stela e penduradas nas paredes do Paço Imperial durante a exposição “Ar Subterrâneo”, (1988), composta por obras plásticas produzidas por internos da Colônia Juliano Moreira. Reconhecemos nesta seleção, neste recorte de frases, nesta eleição, mais um exercício do poder arcônico sobre o *arkhê* Stela do Patrocínio. A instituição psiquiátrica – tanto quanto esta recolha artístico-intelectual – já exercia este mesmo poder anteriormente.

Outros arcontes se sucederam, e sobre este arquivo construíram-se muitas obras: o espetáculo lítero-musical Mundo Animal, do grupo Boato (Rio de Janeiro, s/d); a peça de teatro Stella do Patrocínio, óculos, vestido azul, sapato preto, bolsa branca e... DOIDA de Clarisse Baptista (2000 Rio Branco, AC – e 2002, Rio de Janeiro, RJ); o livro Reino dos bichos e dos animais é o meu nome organizado por Viviane Mosé (2001); o filme Stela do Patrocínio, a mulher que falava coisas, dirigido por Márcio de Andrade (2006); o monólogo Stela na rua, da atriz Maria Teresa (São Paulo, 2006); o CD Entrevista com Stela do Patrocínio com música de Lincoln Antônio sobre as falas de Stela, com Georgette Fadel, Juliana Amaral e Lincoln Antônio (2007); o site <http://steladopatrocinio.blogspot.com> organizado por Márcio de Andrade (2008); o ballet Alma aprisionada, do coreógrafo Mário Nascimento e Cia. Balé de Rio Preto (Caxias do Sul, RS - 2008); e a presente dissertação.

Vários arcontes – e cada vez em maior número – vêm tomando as falas de Stela como objeto de reflexão crítica e/ou estética. Um dos principais objetivos da minha tarefa arcôntica, por sua vez, é distanciar-se da falsa questão loucura/razão. De outro modo, pretendo assumir as falas a que tive acesso atribuindo-lhes um valor estético-literário. O enfoque dessas falas pela perspectiva da arte justifica-se enquanto procedimento legitimador de linguagens marginalizadas, pois o estatuto estético lhes permite referirem-se a si mesmas, escapando ao estatuto da representação de alguma suposta patologia ou, ainda, de um rompimento com os limites de “seus muros”. Nesse sentido, enquanto arconte, meu trabalho, mesmo sem se opor a perspectivas clínicas, difere do modo como Mosé justifica sua organização do volume Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, hesitando entre a legitimidade estética e o significado político da publicação de Stela do Patrocínio:

A qualidade do texto sempre me pareceu justificar uma publicação, no entanto, não é o valor literário que justifica publicar Stela. Muito antes, esta publicação quer partir de uma constatação: a de um discurso que ultrapassou os muros da instituição. (MOSE: 2001, p.31).

Claro que, se por um lado, desejo assumir as falas de Stela como um discurso estético, não significa que pretendo subtrair dessa fala o seu lugar político, até porque o modo como ela aqui se apresenta já constitui uma

construção política: todos aqueles que exercem o papel de *arcontes*, conforme o conceito de Derrida (2001, p. 12-13), são políticos. Somos aqueles que selecionaram, interpretaram, deliberaram sobre quais documentos – no caso presente, fragmentos de fala – deveriam ser selecionados, memorizados, guardados, desenvolvidos, glosados e quais deveriam permanecer excluídos. Análise, seleção, triagem, manipulação, omissão, interpretação, atos de sublinhar, rasurar, riscar, recortar, etc. são funções *arcônticas*. Somos nós, os *arcontes*, que criamos, conformamos, filtramos e - por que não? - transformamos os arquivos. Tornamo-nos, desta maneira, agentes de formação da memória, à medida que desconstruímos a intencionalidade e a ordem originais, erigidas por aquele *arkhê*, e afirmamos outras possibilidades de ordenamento e de articulação.

Parece-nos coerente com este viés de leitura o fragmento abaixo, retirado de uma entrevista que nos foi concedida por e-mail pela artista plástica Carla Guagliardi e cujo texto integral encontra-se em anexo.

Fico feliz pela afetação que as palavras da Stela causam, embora estranhamente o que esta fala reverbera e produz já é outra coisa. É o que cada um faz disso a partir de sua experiência pessoal. (...) Acho que é essa a função da *poiesis*, esse livre trânsito como um anjo visitando nossos espíritos. Acho que o que fizemos quando expusemos suas palavras foi soltar o anjo por aí. (...) Na exposição do Paço Imperial expusemos desenhos e instalações das pacientes que freqüentavam o atelier. Foi aí que surgiu a idéia de imprimir pequenos recortes da fala de Stella e colar nas paredes da exposição. (Guagliardi, Carla. Entrevista).

O mesmo problema parece haver sido enfrentado por Viviane Mosé em sua apresentação do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*:

Entre a fala de Stela e este livro [Reino dos bichos e dos animais é o meu nome], existe e existirá sempre um hiato (...) É assumindo essa irremediável interferência que insisto em falar de transposição. (MOSÉ: 2001, p.26-27).

Sem a visita de tantos *arcontes* ao material produzido por Guagliardi e Gutmacher – agentes de instituições acadêmicas, artísticas e psiquiátricas – não teria sido permitido todo o processo que acabou por resgatar a palavra de Stela do esquecimento a que estaria possivelmente condenada. Este poder *arcôntico* pode ser reconhecido ainda num texto onde Foucault (2003, p. 207) trata da necessidade do encontro com um feixe de luz que viesse a iluminar algo que

estava escondido, nas sombras, na noite. Situação análoga a esta que aqui me ocupa foi descrita por ele em sua obra “A vida dos homens infames”, onde relata seu encontro com os arquivos do início do século XVIII de internamento no Hospital Geral e da Bastilha,

O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam (...) Todas essas vias destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros - breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder (FOUCAULT, 2003: 207-208).

Arkhe é uma noção desenvolvida pelo poder governamental romano e se relaciona ao ato de guardar, para a vida, e não de excluir dela, determinados documentos. No caso da citação de Foucault, a noção de arquivo encontra outro sentido: trata-se de documentos postos sob suspeita de sanidade e, assim, recolhidos pelas instituições de saúde pública, ocupando um lugar simetricamente diverso ao da tradição romana de que usamos a denominação. No entanto, acompanhando a formulação de Foucault, os arquivos psiquiátricos modernos promovem um paradoxo em relação à vida de seus documentos: o mesmo poder que os escurece é também o que os traz à luz.

Se, por um lado a ordem político-social é responsável pela transformação de atos e palavras em documentos a serem arquivados, por outro lado o modo como se constitui um arquivo pode ser melhor compreendido recorrendo-se à descrição da transformação de um tecido em “renda”, encontrada em Barthes. Quero comparar o modo como o arconte opera sobre os registros de saberes, desencadeando seus desdobramentos sucessivos, sua disseminação, o despedaçar, a fragmentação, à transformação em “renda” de um tecido, encontrada na citação abaixo.

Na outra extremidade do tempo, o Livro feito volta a ser Álbum, assim como a ruína é o futuro do monumento (...) O livro, de fato, está fadado a tornar-se destroços, ruínas erráticas; (...) O que resta do livro é a citação (no sentido muito geral): o fragmento, o relevo que é transportado alhures. (...) A ruína, de fato, não está do lado da Morte: ela está viva como Ruína, consumida como tal,

esteticamente constituída, germinativa. Passamos nosso tempo (...) criando ruínas e alimentando-nos delas; alimentando nossa imaginação, nosso pensamento. O que vive em nós, do Livro, é o Álbum: o Álbum é o gérmen; o Livro, por mais grandioso que seja, é apenas a soma. Uma espécie de pulsão nos leva a despedaçar o livro, a fazer dele, uma renda. (BARTHES, 2005: 133-134).

Ilustração da idéia barthesiana de “soma” de fragmentos podemos encontrar no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, organizado por Viviane Mosé. Eis uma com-posição que devém de audições das fitas-cassete que guardavam as conversas entre Stela do Patrocínio, a artista plástica Neli Gutmacher, professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e sua aluna, Carla Guagliardi, entre 1986 e 1988; que devém de outras compilações de falas transcritas pela psicóloga-estagiária Mônica Ribeiro, por iniciativa da psicanalista Denise Correia (material arquivado hoje no Museu Bispo do Rosário no Rio de Janeiro); que devém ainda do texto Estrela, assinado por Ricardo Aquino, diretor do Museu Bispo do Rosário, primeiro momento do livro; nesse fluxo, outro texto de Sérgio Cohn, que assina a orelha do livro. E nessa superposição de arquivos, cada um com sua ordem particular, destaca-se a inscrição de Viviane Mosé que, movida por um *impulso apaixonado*, nas palavras de Aquino, organiza e assina a apresentação da obra:

Os voluntários e estagiários se somaram, com o viço das suas vidas, a alguns profissionais recém-chegados à Colônia e que se engajaram no movimento para a reforma das estruturas arcaicas. (...) A chegada de Viviane Mosé ao Museu, no final dos anos noventa, foi o impulso apaixonado que possibilitou a organização deste livro. (AQUINO, in PATROCÍNIO, 2001: 15-16).

Antes de ter acesso às gravações das falas de Stela do Patrocínio fui atingida por esse encadeamento de ações *arcônticas*, que resultou no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. No meu exemplar se encontra a dedicatória: “Este livro é uma linda e saudável porrada no ‘ORGANISMO’¹. Nesta inscrição está marcada a diferença que aquelas falas, em relação ao modelo habitual dos discursos, portam: trata-se de um texto visceral, para além da representação. O texto reivindica do leitor um outro modo para atravessá-lo, de experimentá-lo e nele se perder, deixando-se afetar por suas forças/fluxos. Nós, leitores, somos irresistivelmente arrastados em tais fluxos. Só desse modo é

¹ Dedicatória escrita por André Monteiro.

possível abrir-se para a diferença a que o discurso de Stela nos convoca. Entendo por diferença o processo de dissolução das identidades, “o que nos arranca de nós mesmos e nos faz devir outros”, conforme o conceito criado por Deleuze.² È essa diferença que faz possível, aqui, a criação do *arconte* que constitui o movimento deste texto.

² Este conceito encontra-se citado numa entrevista concedida por Suely Rolnik a Lira Neto e Sylvio Gadelha no caderno “Sábado”, do jornal cearense *O Povo*.